



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 15 de Setembro de 1999

O sacramento da Penitência

1. O caminho em direcção ao Pai, proposto para a reflexão especial deste ano de preparação para o Grande Jubileu, implica também a redescoberta do sacramento da Penitência, no seu significado profundo de encontro com Aquele que perdoa, mediante Cristo, no Espírito (cf. *TMA*, 50).

Diversos são os motivos por que urge na Igreja uma séria reflexão sobre este sacramento. Antes de tudo, ela é requerida pelo anúncio do amor do Pai, como fundamento do viver e do agir cristão, no contexto da actual sociedade onde muitas vezes resulta ofuscada a visão ética da existência humana. Se muitos perderam a dimensão do bem e do mal, é porque extraviaram o sentido de Deus, interpretando a culpa só segundo perspectivas psicológicas ou sociológicas. Em segundo lugar, a pastoral deve dar novo impulso a um itinerário de crescimento na fé, que ressalte o valor do espírito e da prática penitencial em todo o arco da vida cristã.

2. A mensagem bíblica apresenta essa dimensão "penitencial" como empenho permanente de conversão. Fazer obras de penitência supõe uma transformação da consciência, que é fruto da graça de Deus. Sobretudo no Novo Testamento, a conversão é pedida como opção fundamental àqueles aos quais é dirigida a pregação do reino de Deus: "Convertei-vos e crede no Evangelho" (*Mc* 1, 15; cf. *Mt* 4, 17). Com estas palavras Jesus inicia o seu ministério, anuncia o cumprimento dos tempos e a iminência do reino. O "convertei-vos" (em grego: *metanoéite*) é um apelo a mudar o modo de pensar e de se comportar.

3. Este convite à conversão constitui a conclusão vital do anúncio feito pelos Apóstolos depois do

Pentecostes. Nele o objecto do anúncio é manifestado de forma plena: já não é genericamente o "reino", mas a própria obra de Jesus, inscrita no plano divino prenunciado pelos profetas. Ao anúncio de quanto ocorreu com Jesus Cristo, morto, ressuscitado e vivo na glória do Pai, segue o premente convite à "conversão", à qual está ligado também o perdão dos pecados. Tudo isto emerge de maneira preclara no discurso que Pedro faz no pórtico de Salomão: "Deus cumpriu o que antecipadamente anunciara pela boca de todos os profetas: que o Seu Messias havia de padecer. Arrependei-vos, portanto, e convertei-vos, para que os vossos pecados sejam apagados" (*Act* 3, 18-19).

No Antigo Testamento este perdão dos pecados é prometido por Deus no contexto da "nova aliança", que Ele estabelecerá com o seu povo (cf. *Jr* 31, 31-34). Deus escreverá a lei no coração. Nessa perspectiva, a conversão é um requisito da definitiva aliança com Deus e, ao mesmo tempo, uma atitude permanente daquele que, acolhendo as palavras do anúncio evangélico, começa a fazer parte do reino de Deus no seu dinamismo histórico e escatológico.

4. O sacramento da Reconciliação veicula e torna visíveis de maneira misteriosa estes valores fundamentais anunciados pela Palavra de Deus. Ele insere de novo o homem no contexto salvífico da aliança e reabre-o para a vida trinitária, que é diálogo de graça, circulação de amor, dom e acolhimento do Espírito Santo.

Por ocasião do Jubileu, uma cuidadosa releitura do *Ordo Paenitentiae* ajudará não pouco a aprofundar as dimensões essenciais deste sacramento. A maturidade da vida eclesial depende, em grande parte, da sua redescoberta. O sacramento da Reconciliação, de facto, não se conclui no momento litúrgico-celebrativo, mas conduz a viver a atitude penitencial enquanto dimensão permanente da experiência cristã. Ele é "uma aproximação da santidade de Deus, um reencontro da própria verdade interior, obscurecida e transtornada pelo pecado, um libertar-se no mais profundo de si próprio e, por isso, um reconquistar a alegria perdida de ser salvo, que a maioria dos homens do nosso tempo já não sabe saborear" (*Reconciliatio et paenitentia*, 31, III).

5. No que concerne aos conteúdos doutrinários deste sacramento, remeto à Exortação Apostólica *Reconciliatio et paenitentia* (cf. nn. 28-34) e ao *Catecismo da Igreja Católica* (cf. nn. 1420-1484), assim como às outras intervenções do Magistério eclesial. Nesta circunstância, desejo evocar de novo a importância do cuidado pastoral necessário para a valorização deste sacramento no povo de Deus, para que o anúncio da reconciliação, o caminho de conversão e a própria celebração do sacramento possam tocar ainda mais os corações dos homens e das mulheres do nosso tempo.

Em particular, desejo recordar aos pastores que só se é bom confessor se se for autêntico penitente. Os sacerdotes sabem que são depositários dum poder que vem do alto: com efeito, o perdão por eles transmitido "é o sinal eficaz da intervenção do Pai" (*RP*, 31, III), que faz ressurgir da morte espiritual. Por este motivo, vivendo com humildade e simplicidade evangélica uma dimensão tão essencial do seu ministério, os confessores não descuidem o próprio

aperfeiçoamento e actualização, para que nunca lhes faltem aquelas qualidades humanas e espirituais que são tão necessárias para a relação com as consciências.

Mas juntamente com os pastores, é a inteira comunidade cristã que deve estar envolvida na renovação pastoral da Reconciliação. Impõe-no a "eclesialidade" própria do sacramento. A comunidade eclesial é o seio que acolhe o pecador arrependido e perdoado e, antes ainda, cria o ambiente adequado para um caminho de retorno ao Pai. Numa comunidade reconciliada e reconciliante os pecadores podem reencontrar o caminho perdido e a ajuda dos irmãos. E por último, através da comunidade cristã, pode ser delineado de novo um sólido caminho de caridade, que torne visíveis através das boas obras o perdão readquirido, o mal reparado e a esperança de ainda poder encontrar os braços misericordiosos do Pai.

Saudações

Amados peregrinos de língua portuguesa, a minha saudação venturosa e amiga a todos vós especialmente ao grupo de *brasileiros* que aqui se encontram.

Agradeço-vos a presença, e encorajo-vos a invocar Maria Santíssima, neste dia em que é recordada com a denominação de Nossa Senhora das Dores, para um feliz êxito na vossa configuração a Cristo. A todos abençoo.

Desejo agora saudar com particular afecto os *Jovens*, os *Doentes* e os *jovens Casais* aqui presentes.

Hoje fazemos memória de Nossa Senhora das Dores que, com fé, se deteve junto da Cruz de Jesus.

Caros *jovens*, não tenhais medo de permanecer, também vós como Maria, junto da Cruz. Jesus moribundo vos há-de infundir a coragem de superar todos os obstáculos na vossa existência quotidiana.

E vós, queridos *doentes*, possais encontrar em Maria conforto e apoio para aprender do Senhor Crucificado o valor salvífico do sofrimento.

Vós, prezados *jovens esposos*, nos momentos de dificuldade dirigi-vos com confiança à Virgem das Dores, que vos ajudará a enfrentá-los com a sua intercessão materna.
